

WAGNER, Roy, *Coyote Anthropology*, Lincoln e Londres, University of Nebraska Press, 2010, 199pp.

Iracema Dulley  
Universidade de São Paulo

### *Coyote Anthropology*, dialética e obviação

“Coyote: “The cause of the effect meets the effect of the cause; and at that point of suspension – what Don Juan calls ‘stopping the world’ – the humorous and the serious meet and merge with one another. You know, Roy, you human beings are the craziest critters in the world. You honestly believe you can detach yourselves from that SYMMETRY and still have your way.”

Roy: “I wouldn’t talk, Coyote.”

Coyote: “We come to a point where the difference between organic and inorganic SYMMETRIES disappears – the vanishing point between what the old anthropologists used to call ‘nature’ and ‘culture.’ All ‘cultures’ merge with one another – as you say, holographically – and so, in fact, do all ‘natures’.”

Roy: “The anthropologist wants to be the figure as well as the ground. And so, in fact, the figure-ground reversal itself honestly believes it is an anthropologist.”

Coyote: “Though it is really the interference-patterning between the two that counts most: the way in which any two polarities interfere with one another.”

Roy Wagner, *Coyote Anthropology*

“*Fazer* leva-o a separar a pedrinha da pedra maior – continuou. – Se quiser aprender a *não fazer* digamos que você tem de uni-las”.

Castañeda, *Viagem a Ixtlan*

A dialética é um *modus operandi* estruturante do pensamento de Roy Wagner, fundamental para a compreensão de sua antropologia. Em diversos momentos de sua obra, o autor apresenta sua dialética como não hegeliana, mais próxima dos gregos, por prescindir de síntese. No lugar da síntese encontramos, em Wagner, a obviação – que de óbvia nada tem. Afirmava Platão que a dialética é a única forma correta de pensamento. Wagner provavelmente não chegaria a tanto, dada a sua valorização da diferença. Entretanto, a despeito dos evidentes distanciamentos entre os dois autores, algo que foi recorrentemente afirmado sobre um dos diálogos de Platão, *Fedro* (2005), talvez nos ajude a trilhar um caminho para atravessar, em algumas linhas, a obra mais recente de Wagner, tão enigmática quanto tributária de toda uma tradição de pensamento na antropologia e na filosofia.<sup>1</sup> O que se diz sobre esse diálogo de Platão, cujo objeto de reflexão é a retórica, é que ele poderia ter sido escrito não tendo seu tema como fim último, mas com a intenção de demonstrar, de forma clara e concisa, o pensamento dialético em operação. Em que pese a oposição de Wagner à retórica, algo semelhante poderia ser afirmado sobre *Coyote Anthropology*, literalização experimental dos pilares sobre os quais se assenta seu pensamento:<sup>2</sup> o diálogo no plano da interação, refletido teoricamente na dialética; o procedimento analítico da obviação; a simetria; a mimese que possibilita a manutenção fractal da escala; a reversão figura-fundo que, quando bem-sucedida, oferece à análise antropológica, através da obviação, momentos de antropologia reversa.

A forma dialógica, tanto em *Fedro* quanto em *Coyote Anthropology*, dá a ver ao leitor o procedimento dialético. Em ambas as obras, o diálogo se desenrola entre dois personagens: em Platão, entre Sócrates e Fedro; em Wagner, entre Roy e Coyote. Entretanto, se o diálogo em Platão é claramente conduzido por Sócrates, em Wagner notamos uma oscilação neste quesito: ao passo que Roy exerce, no primeiro capítulo, “The Coyote of Anthropology”, o papel de guia da dialética, aproximando-se da forma platônica, no segundo capítulo, “The Anthropology of Coyote”, é Coyote quem toma as rédeas do diálogo. Roy se vê no papel de aprendiz dessa antropologia que lhe ensina o coioote. Nos capítulos seguintes, “Obviation” e “The Book of Symmetries”, a interação passa a ser mais equilibrada, com os dois participantes contribuindo igualmente para a dialética que conduz à obviação. O recurso ao humor e à ironia é central tanto para essas mudanças de marcha no desenrolar do diálogo quanto para conferir visibilidade ao método. Neste ponto, o autor nos remete à obra de Castañeda,<sup>3</sup> ela própria estruturada nos diálogos de Carlos com Dom Juan e, por vezes, com seu duplo cômico, Dom Genaro.

Uma analogia com a discussão de Wagner sobre o diálogo n’*A invenção da cultura* (2010b) permite relacionar a forma de *Coyote Anthropology* a seus pressupostos teóricos e metodológicos. Nos capítulos iniciais da obra recém-publicada no Brasil, o antropólogo chega a campo com o objetivo de compreender o outro, munido de sua bagagem acadêmica e cultural, a partir da qual inevitavelmente estabelecerá suas relações em campo – esse momento corresponde à “antropologia do coioote”. Entretanto, ao ser engolfado pela “outra cultura” e pela forma como esta o vê e lida com ele, o antropólogo percebe que há, também, o “coioote da antropologia”, seu duplo, que coloca os verdadeiros desafios ao pensamento antropológico.<sup>4</sup> É a partir dessa constatação que se estabelece um diálogo entre o antropólogo e o coioote, com base no qual

se pode buscar a antropologia reversa. Com esse procedimento, fica explícita a intenção de simetria do autor, elevada a níveis exponenciais em “The Book of Symmetries”, em que a fractalidade e a holografia aparecem como um mecanismo de manutenção de escala em nível cósmico, extrapolando as relações comumente vistas como da ordem da cultura e da natureza.<sup>5</sup>

Se Platão busca, por meio da dialética, que só se realiza perfeitamente na forma do diálogo, atingir a verdade, Wagner apresenta aos leitores uma invenção dialógica que passa pela experiência e por modos de descrição que podem ser produzidos somente a partir da relação com o outro.<sup>6</sup> Sua dialética é produto dessa experiência. Daí a coincidência entre forma e conteúdo tanto em Platão quanto em Wagner; se Platão pretende se aproximar dialeticamente da verdade, Wagner desenvolve nesta obra algo como uma fenomenologia da dialética sem síntese, retentora de escala, cujo produto final, mas não totalizável, é a obviação. Voltarei a ela adiante.

O diálogo entre Roy e Coyote pode ser tomado como uma manifestação, ou instanciação, termo preferido pelo autor, da dialética. A ideia de instanciação vem substituir a de demonstração, e aqui se coloca uma diferença expressiva em relação a Platão: os exemplos, em Wagner, são antes manifestações ilustradoras do que provas irrefutáveis. Esse diálogo-que-elicia-a-dialética, para mimetizarmos um de seus recursos estilísticos, se dá, como vimos, entre Roy, homônimo do autor,<sup>7</sup> e Coyote. A figura do coioote remete ao animal da fauna norte-americana, o conhecido *trickster* das fábulas indígenas e personagem do livro *Viagem a Ixtlan* de Carlos Castañeda (1972), com quem Carlos mantém um diálogo em um momento revelador, no qual, auxiliado por Dom Juan e Dom Genaro, consegue “parar o mundo” e “ver”. Entretanto, *coyote*, em inglês, é também aquele que transporta sorrateiramente, de maneira ilegal, imigrantes (geralmente mexicanos) através da fronteira dos Esta-

dos Unidos. Embora esta acepção não seja explicitada pelo autor, é possível valer-nos de sua teoria da significação, na qual a imagem tem preeminência, para explorar suas possíveis expansões de sentido: a antropologia reversa, ao operar dialeticamente entre os polos diferenciante e generalizante (Wagner, 2010b), acaba por contrabandear para a teoria que inventa, via obviação, o ponto de vista daquele com quem dialoga, representado em *Coyote Anthropology* em sua alteridade máxima: não só outro, como animal, mas dotado de fala – portanto, no limiar entre a humanidade e a animalidade.

O curioso desta dialética é que, justamente por não pressupor a possibilidade de síntese, e mesmo duvidar dela, tem necessidade de manter os pares de oposição, tão opostos quanto reversos: pares de reversão que levam à obviação. Trata-se da reiterada reversão figura-fundo que teria, segundo fica implícito em um de seus textos (Wagner, 1986) e explícito em sua fala (comunicação pessoal, 2010), aprendido com os Usen Barok da Nova Irlanda. A dialética opera, no exemplo mais conhecido de Wagner, entre convenção e invenção, colocando-se no âmago de qualquer cultura humana e, provavelmente, animal – exceção feita ao equidna, que poderia prescindir da posição do *recollecting self*, tentativa de dar sentido à sensação de passado, presente e futuro. A relação dialética – entre passado e futuro, convenção e invenção, tonal e nagual, *impersonation* e *expersonation*, os exemplos são virtualmente infinitos – em Wagner, pressupõe tanto contradição quanto interdependência, mas requer a manutenção dos polos: ainda que se possa oscilar entre um e outro, a regra do jogo é não converter um extremo no outro de modo que o ser, híbrido por natureza, possa tomar parte tanto da invenção quanto da convenção, do tonal e do nagual, do passado e do futuro, e assim por diante. Nas palavras do próprio autor, trata-se de “um jogo de luz e sombra entre extremos” (Wagner, 2010a: ix). Afinal, é a oposição que produz hibridéz. A dialética wagneriana pressupõe tensão e

alternância entre pontos de vista que se sustentam e desafiam, pois o pensamento dialético nasce do paradoxo.

Voltemos à relação entre dialética, fractalidade e holografia. Uma preocupação em evitar o deslizamento de escala entre a empiria e o modelo perpassa a obra de Wagner.<sup>8</sup> Assim, a ideia da fractalidade da cultura melanésia como não oposição entre indivíduo e sociedade pode ser visualizada por meio do *great man*, instanciação da noção de pessoa melanésia para a qual o todo é um e se atualiza integralmente em todos os uns empiricamente observáveis (Wagner, 1991). É possível estabelecer uma analogia entre a dialética eliciada pelo diálogo e a fractalidade melanésia: em *Coyote Anthropology*, a dialética dos pares de oposição mantém sua escala ao atualizar-se no diálogo entre o duplo Roy/Coyote. Ora, essa manutenção da escala se dá por um motivo muito simples: a dialética “contém em si sua própria continuidade” (Wagner, 2010b, p. 97). No limite, tudo se passa como se o antropólogo fosse capaz, ao colocar em marcha esse mecanismo, de reproduzir textualmente o movimento das transformações dos polos de oposição que se dá, em última análise, em nível cósmico. Afinal, segundo Coyote, “um ‘modelo holográfico’ ou uma ‘visão de mundo holográfica’ *imitam você* com muito mais precisão e exatidão do que você jamais conseguiria imitá-los” (Wagner, 2010a, p. 28). A holografia seria, assim, uma forma adequada de realizar a passagem entre teoria e empiria por prescindir de ruptura epistêmica entre o modelo e o objeto.

Em *Symbols That Stand for Themselves* (1986), Wagner afirma que a imagem condensa, como um buraco negro, diferentes possibilidades de significação [*meaning*, mediação entre a imagem e a percepção], tendo ao mesmo tempo a capacidade de representar a si mesma e de gerar significação a partir do excesso de potência contido em seu interior, por metaforização.<sup>9</sup> Na imagem, ao mesmo tempo em que há uma relação imediata entre a coisa e o símbolo, há excesso de significação. Daí a pre-

dileção de Wagner pelos sonetos, abundantes em *Coyote Anthropology*: eles conjugam som e sentido na imagem que produzem. É a partir dessa relação holográfica entre a coisa – *das Ding an Sich*, que Wagner equipara à figura (2010a, p. 17) – e o símbolo – o fundo – que se coloca a possibilidade da obviação, cuja sutileza consiste em prever e descartar, revelar e ocultar ao mesmo tempo, indicar sem explicitar. Através desse mecanismo, a antropologia de Wagner pretende não explicar, construir ou desconstruir, mas transformar (Wagner, 1986). Um dos méritos de *Coyote Anthropology* é, sem dúvida, a mimese que realiza, em sua escrita, do procedimento da obviação – obviando-o.

A obviação é da ordem do enigma e assim permanece após a leitura deste livro. O conceito, tão importante quanto cifrado (*cryptic* é um dos adjetivos empregados com frequência pelo próprio Wagner), aparece em inúmeras obras do autor, com especial destaque para *Lethal Speech* (1978), análise de diversos mitos daribi com base nesse método. Entretanto, os mitos daribi não são um exemplo etnográfico de uma teoria abstrata, nem tampouco uma particularidade cultural à qual o conceito se adequaria. Eles são, antes, uma instanciação da mitologia em geral, toda ela analisável a partir do método da obviação. Tanto é assim que o diálogo entre Roy e Coyote se volta para diversos mitos: um mito daribi; a história de Cinderela, transformada subsequentemente na inusitada história de Splinterella; *Hamlet* de Shakespeare, entre outros. Ainda que o texto guarde seus segredos, com revelações e ocultamentos a cada nova leitura, a análise de *Hamlet* no capítulo sobre a obviação me parece o exemplo mais contundente e convincente deste método de análise. É sobre ele que me debruço a seguir.

A leitura obviadora de *Hamlet* (Wagner, 2010a, p. 110-112) se inicia na cena em que o protagonista, movido pela aparente certeza de que seu tio, Cláudio, havia assassinado seu pai, rei de Elsinore, para que pudesse ocupar o trono, decide fingir-se de louco de modo a poder tornar pú-

blico o assassinato e colocar em xeque a pretensão de seu tio ao trono. Esta primeira obviação permitiria a Hamlet dizer a verdade ao mesmo tempo em que a desqualificaria. O efeito dela, se bem-sucedida, seria o de obviar a intenção de Cláudio. Ocorre, entretanto, que a caminho de realizar seu intento Hamlet se depara com Polônio, pai de seu amigo Laertes e de sua pretendente, Ofélia. Polônio aconselha-o a ser verdadeiro para consigo mesmo, o que entra em conflito com sua intenção de fingir-se louco. Segundo Wagner, a ironia entre esses dois cursos de ação possíveis leva Hamlet a decidir-se por uma solução de compromisso ou síntese: contratar uma trupe de teatro para que esta represente o assassinato do rei por seu irmão, tio de Hamlet e sucessor do trono. A peça, a ser representada perante a corte, obviaria a intenção de Cláudio para a plateia. Entretanto, a peça acaba por mostrar não o assassinato de um rei por seu irmão, mas um sobrinho assassinando o tio, obviando de forma perturbadora as intenções de Hamlet.

Na análise de Wagner, a peça corre, a partir daí, no modo da reversão figura-fundo: o herói já não age em seu próprio nome. Após esse acontecimento, Hamlet, ao adentrar o quarto de sua mãe, pensa divisar seu tio por trás do arrás, espionando-os. Hamlet mata-o com uma punhalada, mas em seguida descobre que não se tratava de Cláudio, mas de Polônio. Aqui ocorre o cancelamento da substituição de Hamlet são por Hamlet louco, com o protagonista assassinando o pai de seu amigo e de sua futura noiva assim como seu tio assassinara seu próprio pai. Cancela-se também o conselho de Polônio a Hamlet. Cláudio, por sua vez, toma partido da situação e organiza um duelo entre Laertes, com sede de vingança, e Hamlet, travestindo o evento de competição de esgrima perante a corte. Como resultado, quase todos os atores morrem. Entretanto, ao final da peça, à beira da morte, Laertes percebe que toda a ação fora fruto das circunstâncias, tendo escapado à intencionalidade do amigo, e exorta Hamlet a matar o rei, Cláudio. Este é o último ges-

to, desesperado, de Hamlet. A conclusão de Wagner é inusitada: o herói de *Hamlet* analisado com base na obviação não seria Hamlet, mas Laertes, *The Obvious*, aquele a quem foi dado perceber que a causa do efeito é o efeito da causa.

A substituição é a essência da obviação. Em um dado momento do texto, Roy afirma que a substituição teria sido a primeira coisa que a “raça humana” conheceu; a segunda seria a sequência narrativa; a terceira, a síntese: “o ponto de fechamento em um mito”, a conclusão de uma piada (Wagner, 2010a, p. 107). Segundo ele, o erro de Hegel teria sido não perceber que a reversão figura-fundo inverte a síntese sobre ela mesma, motivo pelo qual não teria sido capaz de apreender a dimensão temporal fundamental da obviação, “síntese de terceira ordem”: o passado-em-seu-próprio-futuro e o futuro-em-seu-próprio passado. A obviação se dá numa dialética entre esses opostos, a qual opera por substituição. Na dialética hegeliana, a síntese é o momento de fechamento, de cancelamento e interrupção das substituições. A dialética wagneriana opera de forma distinta. “A OBVIAÇÃO é um *fractal*”, o que lhe permite manter sua escala, e “isso se torna evidente (*óbvio*) a cada ponto” (Wagner, 2010a, p. 109). A obviação é holográfica e permite a seus protagonistas uma visão antecipada dos eventos, pois é psicologicamente motivada para trás. Ela é um tipo de memória futura, na qual “a causa do efeito é o efeito da causa”. A obviação cancela a diferença entre passado e futuro em sua fractalidade holográfica. Afirma Roy:

se um mito, conto ou lenda, ou uma *explicação* (o que é a mesma coisa), é uma figura verbal de si mesma, ou uma *imagem* contada em vários episódios – cada um em substituição ao anterior – então ele deve ter um ponto de OBVIAÇÃO. Um *ponto de fuga* onde todos os seus episódios e detalhes pictográficos se fundem para formar uma única entidade holográfica, da qual a menor parte é igual ao todo (Wagner, 2010a, p. 114).

A mimese se dá na replicação do um no todo e vice-versa: os fractais mimetizam a si mesmos e assim mantêm sua escala. Em Wagner, a iteração é holográfica, e a holografia é sua resposta à crise da representação. É a holografia fractal que permite, no jogo dialético das substituições, manter a escala entre o modelo e o objeto, por um lado, e compatibilizar, no plano teórico, as diferentes instanciações da vida.<sup>10</sup> Afinal, de acordo com o argumento reiterado diversas vezes em *Coyote Anthropology*, o que está para além da dialética só é acessível com a morte.

## Notas

- <sup>1</sup> Com esse paralelo, não pretendo dar conta da dialética platônica, muito menos de um “pensamento grego”. Minha intenção é iluminar a dialética wagneriana a partir de um dos “gregos” que o autor cita, o qual, não por acaso, também atrela a dialética à forma do diálogo. Escolho Platão porque em Aristóteles, para nos atermos aos “gregos” mais citados por Wagner, se a dialética é fundamental, pode prescindir da forma dialógica em sua operação por meio de silogismos.
- <sup>2</sup> Num movimento semelhante, Goldman (2011) afirma sobre *A invenção da cultura* que esta “segue seus próprios pressupostos em um grau muito superior à maioria das obras”. A recorrência da imbricação entre forma e argumento em Wagner parece apresentar-se como uma confirmação prática de sua afirmação de que a causa do efeito é o efeito da causa.
- <sup>3</sup> A obra de Castañeda é tema de um curso ministrado por Wagner na Universidade de Virgínia há anos e serve de inspiração à sua antropologia como um todo e a *Coyote Anthropology* em particular. Embora eu não vá traçar paralelos entre os autores aqui, eles são muitos e interessantes.
- <sup>4</sup> Talvez a ideia de duplo discutida em *Coyote Anthropology* e a relação entre Roy e Coyote não estejam distantes da ideia dos compósitos de Eu/Outro discutida por Kelly (2001).
- <sup>5</sup> “Como parte do universo, o cérebro necessariamente incorporaria ou impersonificaria a totalidade das operações daquele, sua *estrutura implícita*, segundo Bohm, ao

passo que o universo *expersonificaria* a atividade do cérebro ao fazê-lo” (Wagner, 2010a, p. 28). O interesse da holografia reside em sua percepção de que a distinção entre parte e todo é ilusória. Em *Coyote Anthropology*, Wagner estabelece uma homologia entre a estrutura do cérebro humano e o universo, sendo a primeira uma réplica holográfica do segundo.

- <sup>6</sup> Este aspecto central da teoria de Roy Wagner se aproxima da discussão feita por Viveiros de Castro, por exemplo, em “O nativo relativo” (2002).
- <sup>7</sup> Se levarmos em conta as reflexões de Wagner sobre o duplo na mesma obra, ficará claro que o Roy de *Coyote Anthropology*, apesar da homonímia, não deve ser tomado pelo autor de forma estrita. Essa escolha aponta, contudo, para a porosidade entre o mundo literário e o mundo da vida. Não se trata de uma etnografia, nem de uma autobiografia, mas de algo no limiar entre estas duas formas textuais e, quiçá, o teatro e a filosofia. Embora uma discussão aprofundada a esse respeito escape ao escopo deste texto, é interessante pensar, a partir deste formato inusitado para a antropologia, nas recorrentes imbricações entre etnografia e biografia pela via de algo que na teoria wagneriana tem estatuto de conceito: a experiência. Sobre a relação entre biografia e etnografia a partir da experiência, ver Kofes (2001).
- <sup>8</sup> Pode-se observá-la desde *The Curse of Souw* (1967), mas é no artigo “The Fractal Person” (Wagner, 1991) que ela se torna mais explícita.
- <sup>9</sup> Sua teoria da metaforização é desenvolvida teórica e etnograficamente em *Habu* (Wagner, 1972).
- <sup>10</sup> A esse respeito, ver a discussão de Goldman (2011) sobre o “vitalismo antropológico” de Roy Wagner.

## Referências bibliográficas

CASTAÑEDA, Carlos

1972 *Viagem a Ixtlan*, Rio de Janeiro, Editora Record.

KELLY, José Antonio

2001 “Fractalidade e troca de perspectivas”, *Mana*, 7(2), pp. 95-132.

KOFES, Suely

2001 *Uma trajetória, em narrativas*, Campinas, Mercado das Letras.

PLATÃO

2005 “Phaedrus”, in *Eutyphro Apology Crito Phaedo Phaedrus*, Loeb Classical Library, Cambridge, Londres, Harvard University Press.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo

2002 “O nativo relativo”, *Mana*, 8(1), pp. 113-148.

WAGNER, Roy

1967 *The Curse of Souw. Principles of Daribi Clan Definition and Alliance in New Guinea*, Chicago e Londres, The University of Chicago Press.

1972 *Habu. The Innovation of Meaning in Daribi Religion*, Chicago, The University of Chicago Press.

1978 *Lethal Speech. Daribi Myth as Symbolic Obviation*, Ithaca, Cornell University Press.

1986 *Symbols That Stand for Themselves*, Chicago, The University of Chicago Press.

1991 “The Fractal Person”, in STRATHERN, M. & GODELIER, M. (orgs.), *Big Men and Great Men*, Cambridge, Cambridge University Press.

2010a *Coyote Anthropology*, Lincoln, Londres, University of Nebraska Press.

2010b *A invenção da cultura*, São Paulo, Cosac & Naify.